

TRABALHADORAS DO SEXO “UNIVERSITÁRIAS” EM CAMPO GRANDE (MS): AMBIENTE ON-LINE, MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E PERFORMATIVIDADE¹

Carla Cristina de Souza²

Tiago Duque³

INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos, a partir das múltiplas possibilidades de as trabalhadoras do sexo⁴ se colocarem no contexto econômico sexual, refletir sobre a prostituição de mulheres “universitárias”⁵ nos espaços de sociabilidade on-line. As reflexões presentes aqui partem dos resultados de uma dissertação de mestrado em Antropologia Social

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

² Doutoranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. <http://lattes.cnpq.br/0024659748632693>. <https://orcid.org/0000-0002-6948-642X>. carlinhacdsouza@gmail.com. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. <http://lattes.cnpq.br/5923842290182625>. <https://orcid.org/0000-0003-1831-0915>. duque.hua@gmail.com.

⁴ Sabendo das diversas nomenclaturas que são utilizadas por mulheres que fazem parte da economia sexual e suas múltiplas intencionalidades. Em Campo Grande não há um único termo êmico que seja comum às que usam da categoria “universitária” na prostituição. Em campo, em meio a diferentes mulheres, já observamos a utilização de “garota de programa”, “acompanhantes”, “mulheres que trabalham com o corpo” entre outras. Sendo assim, decidimos escolher uma das categorias reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e também pelo próprio movimento da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP): trabalhadoras do sexo.

⁵ Conforme apresentaremos, a palavra universitária no decorrer do texto aparecerá com aspas quando utilizada como categoria identitária e sem aspas quando mencionada como ocupação.

intitulada “‘É só colocar no seu anúncio que você é universitária e pronto’: experiências da prostituição de mulheres em Campo Grande – MS”⁶. Campo Grande é uma cidade que se localiza no bioma do cerrado brasileiro e em 2020 teve a população estimada pelo IBGE em 786.797 pessoas⁷. Em meio a um estado fortemente voltado ao agronegócio, está localizada em uma rede viária longe dos grandes centros urbanos. Ela não se caracteriza como uma metrópole, mas exerce influência no próprio estado e nos estados próximos. É nesse contexto que as mulheres trabalhadoras do sexo interlocutoras deste estudo trabalham.

Em diferentes situações, sejam elas acadêmicas ou não, vinculadas à prostituição ou não, quando informado às pessoas interessadas em saberem sobre o tema deste estudo, a resposta era frequentemente: “Têm muitas, né?”. Ainda que essas mesmas pessoas expusessem não conhecer uma trabalhadora do sexo universitária ou nunca terem contratado uma por meio de um programa, podíamos perceber que em seus imaginários havia uma grande quantidade de trabalhadoras do sexo com este perfil na cidade. Esse dado, ao longo do trabalho de campo etnográfico, seja on-line ou off-line, tornou-se questionável, pois, depois de alguns meses de iniciarmos a busca por interlocutoras, tínhamos conhecimento de apenas duas trabalhadoras do sexo que faziam um curso superior, e, ainda assim, as duas não diziam ser universitárias no âmbito da prostituição.

A dificuldade em encontrar mulheres universitárias que se prostituem na cidade nos fez refletir sobre um possível maneio identitário comum ao campo do mercado do sexo, isto é, a possibilidade de escolha das trabalhadoras do sexo de se descreverem enquanto “universitárias” em contextos específicos do mercado do sexo, mas não necessariamente serem matriculadas em um curso de nível superior. Isso fez com que nós expandíssemos as buscas, de universitárias para também as que se dizem

⁶ A presente dissertação foi realizada com o financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) – Chamada n° 02/2017.

⁷ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande/panorama>. Acessado em: 30 jan. 2021.

“universitárias”, procurando ouvir aquelas que assim são acessadas pelos(as) possíveis clientes como tais.

A busca por interlocutoras trabalhadoras do sexo “universitárias” efetuou-se, depois de dificuldades em encontrá-las em bares, festas e bordéis da cidade, nas plataformas on-line. Nestes espaços on-line foi possível observar e analisar as suas descrições nos “anúncios”, que incluem locais, serviços prestados, preços, entre outras características informadas por elas. Isso foi feito por meio da “etnografia de tela”. Esse método é utilizado principalmente por antropólogos(as) e nos possibilita a inserção em “espaços sociais” em diferentes mídias, seja on-line ou off-line, ainda que ele tenha sido pensado, em um primeiro momento, para pesquisas envolvendo vídeos/filmes do cinema ou da televisão. Conforme Carmen Rial (2004) caracterizou, o método tem o trabalho de campo como prática, que objetiva levantar e analisar as informações de forma extensa e longa, permitindo atingirmos um grau de compreensão do grupo social ou texto estudado, além de, também, envolver técnicas de análise cinematográfica, como enquadramento, imagem e, quando for o caso, sons.

Além da “etnografia de tela”, também realizamos entrevistas semiestruturadas com as mulheres dos referidos “anúncios” on-line por intermédio do *WhatsApp Business*⁸. Fizemos o contato por meio dos seus números de celular disponibilizados nas plataformas on-line, identificando-nos como pesquisadores. O uso dessa ferramenta foi um grande facilitador, já que, majoritariamente, diante das dificuldades em elas aceitarem dar as entrevistas presencialmente, pudemos trocar mensagens sobre o conteúdo previamente organizado no roteiro para a entrevista.

⁸ Este é um aplicativo que utilizamos para facilitar o contato com as trabalhadoras do sexo. Sua instalação é gratuita e foi pensado para ser utilizado por pessoas que tenham interesse em ter uma conta comercial no *WhatsApp*. O interessante de utilizá-lo é que podemos ter duas contas no mesmo aplicativo, e uma delas ser utilizada apenas para fins profissionais, separando o contato pessoal do profissional, como foi o nosso caso em que o aplicativo foi usado apenas no âmbito da pesquisa.

A “etnografia de tela” dos “anúncios” e as entrevistas por *WhatsApp Business* com as quais conseguimos contato compõem, portanto, nosso investimento metodológico neste artigo. Esses “anúncios” on-line podem ser compreendidos como perfis, assim como as imagens das entrevistadas acessadas no próprio “perfil” delas no *WhatsApp Business*. Desse modo, entendemos esses perfis de acordo com o que apontou Nancy Baym (2010, *apud* Beleli, 2015). Para essa autora, os perfis não podem ser pensados como o afastamento de uma “realidade”, pois não há uma dicotomia entre o real e virtual, mas na qualidade de uma “manipulação estratégica da construção de si”.

Considerando essas questões introdutórias, a seguir discutiremos na primeira seção os marcadores sociais da diferença que, performaticamente, aparecem presentes da constituição de uma trabalhadora do sexo “universitária”. Posteriormente, na segunda seção, aprofundaremos os dados levantados de “anúncios” destas trabalhadoras em Campo Grande. Por fim, apresentaremos as considerações finais dessas reflexões que seguirão.

MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA, PERFORMATIVIDADE E O “SER UNIVERSITÁRIA”

Começamos a identificar as “manipulações estratégicas da construção de si” principalmente após a frase: “É só colocar no seu anúncio que você é e pronto!”, dita por Liza⁹ durante uma conversa realizada no *WhatsApp Business*. Naquele momento, ela nos contava que qualquer mulher poderia se autodenominar como “universitária” nas plataformas on-line de prostituição. Liza, conforme sua autodescrição, tem 20 anos, é “morena”, tem 1,73 m de altura, 65 kg e é “fogosa”. Quando perguntado qual era a sua profissão, compreendia-se enquanto “uma mulher que trabalha com o corpo!!”.

⁹ Ainda que saibamos que os nomes que as trabalhadoras do sexo utilizam no âmbito do seu trabalho seja, corriqueiramente, fictício, mesmo assim os alteramos no âmbito deste artigo.

Entendemos que o uso da plataforma on-line possibilita novos formatos de agenciamentos e desejos. Deste modo, também sinalizam Débora Kriskche Leitão e Laura Graziela Gomes (2018a), ao ponderarem a respeito das novas experimentações de si em plataformas de mídias digitais. Consonantes às suas argumentações, essas tecnologias ainda são agenciadoras de novas subjetividades. Assim, as mídias digitais viabilizam um ambiente para determinadas experiências, dotadas de capacidade de agenciamento, não se caracterizando apenas como um espaço passivo e desconectado do ambiente off-line. As plataformas on-line, ao contrário, são locais de transformações, que permitem experimentações de si, incluindo, por exemplo, segundo as autoras, experiências de gênero e sexualidade.

Compreendemos que “um aspecto que consolida e singulariza a ideia de “plataforma on-line” é a crescente adoção de uma arquitetura computacional baseada na conectividade e no intercâmbio de dados”, como bem nos esclarece Carlos d’Andréa (2020, p. 15). Além disso, as plataformas on-line não podem ser consideradas apenas como intermediárias no qual a “sociedade se faz visível” e estabelecem relações, pois esses ambientes antes apresentam os anseios, emergências, aspectos de um social (Idem). Dito de outra forma, o que nos vale a atenção ao trazer os “anúncios” desta plataforma é observar como as “usuárias” (trabalhadoras do sexo) desses sites (aqui identificados como plataformas on-line, que possibilitam esse “intercâmbio de dados”) apresentam possíveis interesses, desejos de um outro, “usuários” (potenciais clientes), a partir dos seus “anúncios”, mostrando como há uma relação mútua e contínua entre ambientes on-line e off-line, pois estão on-line (na internet) em busca de encontros sexuais off-line (fora da internet).

Encontramos Liza por intermédio da *tag* “universitária”, no site Viva local, uma plataforma on-line que se caracteriza como um sítio eletrônico de “anúncios” e funciona na qualidade de um classificado de jornal. O site possui todo tipo de publicidade, desde veículos e imóveis até relacionamentos. Nesse site, encontramos as

categorias de busca “acompanhantes & massagem”, “acompanhantes trans”, “acompanhantes masculinos” e “encontros casuais”. Nessa página da internet, podemos nos valer de filtros para realizar buscas mais precisas das trabalhadoras do sexo “universitárias”. Nele, dentro da opção “acompanhantes”, podemos realizar outras filtragens de busca por marcadores sociais da diferença, como: “idade” (geração); “homem”, “mulher” e “travesti” (gênero); “tipo”: “negro”, “branco”, “mulato”, “oriental”, “mestiços” (cor/raça); “cachê” (classe); e “serviços que ofereço”. Também há a opção de fazer buscas apenas para anúncios que possuem fotos. Além disso, a plataforma on-line disponibiliza um espaço para que se digite “palavras-chave”, no qual podemos escrever universitárias (escolaridade).

A partir de todas essas ferramentas nos foi possível encontrar a Liza. Devido ao uso das estratégias identitárias do mercado do sexo, perguntamos se Liza era ou não universitária e se havia muitas buscas por mulheres que se definiam enquanto estudantes de nível superior nas plataformas on-line de prostituição na cidade. Ela respondeu, na troca de mensagens via *WhatsApp Business*, o seguinte:

Liza: Não faço faculdade, mas, sim, há uma grande procura por universitárias, penso que quando eles ouvem essa palavra “universitária” eles pensam em uma patricinha, ou uma menininha, algo mais ocasional, mas muito deles se surpreendem quando encontram uma mulher no mesmo perfil, mas sem o rótulo universitária!! Acabam gostando da mesma forma.

Pesquisadora: Ah sim, entendi. Esse perfil então outras podem ter sem ser universitária mesmo?

Liza: Sim, podem!! É só colocar no seu anúncio que vc é universitária e pronto!! (Retirado da conversa por *Whatsapp Business* no dia 15 de março de 2018).

Chama-nos a atenção que Liza aciona, na sua mensagem, algumas características do “ser universitária”; por exemplo: “patricinha¹⁰” e “menininha”. Essas características são relevantes para refletirmos sobre quais marcadores sociais da diferença estão sendo interseccionados para criar o imaginário desta categoria. Lilia Schwarcz (2015), ao refletir sobre os marcadores sociais da diferença, auxilia-nos a pensar em como as diferenças são socialmente construídas, isto é, elas estão relacionadas com categorias classificatórias que em intersecção refletem e (re)produzem as identidades em contextos localizados e temporários. Assim, considerando a mensagem de Liza, os marcadores se referem a uma questão geracional e de gênero: quando usadas no feminino e no diminutivo (“patricinhas” e “menininha”). Dito de outro modo, os vocábulos remetem a mulheres mais jovens, mas, ao se utilizar o diminutivo, intenciona-se enfatizar a performatividade de uma geração bastante nova. Neste sentido, percebemos a geração como uma categoria classificatória importante no contexto da prostituição “universitária”.

Quando situamos o conceito de performatividade na prática da prostituição universitária, é para argumentar como o modo no qual nos apresentamos pode ser agenciado e modificado por meio de atos reiterados, conforme descrito por Judith Butler (2016). A autora, como esse conceito, faz uma crítica à essencialidade do gênero; ela postula que o “sexo” não é natural, mas tão cultural quanto o gênero; neste sentido, os corpos são construídos, nomeados e reiterados em contextos de inteligibilidade específicos. Logo, compreendendo o corpo generificado a partir de construções discursivas, ajuda-nos a compreender o “ser universitária” de modo performativo.

Ao abordarmos os “anúncios” como indicando experiências de performatividade, problematizamos a suposta essência de ser universitária e os compreendemos como investidas em viabilizar ao outro uma leitura do que se almeja alcançar, isto é, atingir a

¹⁰ Patricinha é uma gíria do vocabulário português, Brasil, que diz respeito a mulheres jovens que aparentam ser de uma classe socialmente vista como mais rica, isso porque geralmente são mulheres que usam artefatos de grifes caras e são classificadas como consumistas.

leitura de trabalhadora do sexo “universitária”. Dito de outro modo, retomando a fala de Liza: “É só colocar no seu anúncio que vc é universitária e pronto!”. A expressão “só colocar”, porém, não pode ser compreendida de maneira simplista, haja vista a existência de expectativa por parte de quem acessa os “anúncios” de encontrar a “universitária” com características correspondentes ao que se espera dessa categoria de identificação. O que podemos concluir, a princípio, é que o fato de algumas mulheres se apresentarem com reduzida idade pode sinalizar para uma performatividade geracional. Contudo, não somente a geração, mas a classe, a cor/raça, a escolaridade e o gênero, neste contexto econômico sexual, aparecerão nesse artigo interseccionados; isso nos permite compreender o olhar em relação à “manipulação estratégica de si” de quem está se caracterizando enquanto “universitária”. Além da descrição presente no perfil de Liza, já apresentado anteriormente, a intersecção desses marcadores sociais da diferença voltará à reflexão neste artigo quando apresentarmos a plataforma on-line *Photo Acompanhantes* na próxima sessão.

Considerando esses marcadores sociais dos “anúncios”, podemos perceber as “diferenças em articulação, que ora valorizam, ora desvalorizam os sujeitos”, como apontou Beleli (2015, p. 101). A autora diz que essas diferenças são produzidas no “mercado amoroso”, o que se assemelha ao que observamos durante o trabalho de campo, visto que as trabalhadoras do sexo “universitárias” acionam os marcadores sociais para serem valorizadas no mercado do sexo, como um ato da performatividade. O acesso a essas mulheres, principalmente por meio da intersecção de geração, classe, cor/raça, escolaridade e gênero, é apresentado por intermédio dos seus perfis, fazendo-se possível em relação aos múltiplos desejos oriundos de clientes.

Dito de outra forma, no contexto da prostituição universitária há marcadores da diferença que, em intersecção, valorizam e favorecem a conquista de um determinado perfil de cliente, mas, se interseccionados de outros modos, produziram outras performatividades, alterando o reconhecimento enquanto “universitária”,

desagregando valor a essa profissional. As trabalhadoras não têm poder absoluto em relação a essa articulação; ainda que a agência esteja presente, elas não são autônomas diante dessas marcas sociais. A troca de mensagens com Julye, uma “massagista” e “acompanhante”, branca, de 19 anos, corrobora essa afirmação.

Ela se anunciava na Plataforma on-line *Hot MS*. Essa plataforma é específica para a divulgação de serviços voltados ao mercado do sexo e organiza os anúncios das trabalhadoras do sexo por cidades do estado de Mato Grosso do Sul: Amambai, Dourados, Campo Grande e Ponta Porã. Essa plataforma on-line dispõe de poucas ferramentas para filtragem dos anúncios, separando-os apenas por essas cidades e por gênero: “mulheres”, “homens” e “travestis”. Essa limitação das ferramentas dificultou a busca por trabalhadoras do sexo que utilizam “universitária” em seus perfis, já que foi preciso abrir cada anúncio e ler as descrições. Julye, em consonância com quem seria a “universitária”, assim nos relatou:

deixa eu te explicar, quando a gente se identifica como universitária, um padrão de homens mais elitizados que procura a gente, porque sabemos conversar, temos assuntos interessantes, não só falando de programa ou de caras que ficamos, tudo isso influencia muito no dia a dia, eles procuram mais porque as universitárias se vestem melhor, tem uma visão melhor, acho que é isso. (Transcrição do áudio de uma conversa do *WhatsApp Bussines*, no dia 06 de março de 2018).

O marcador escolaridade, ainda que não sejam matriculadas no Ensino Superior, faz diferença, mas, como sabemos, em uma realidade educacional como a do Brasil, não está ao alcance de todas as mulheres; nem mesmo elas podem atingi-lo do mesmo modo, isto, é “saber conversar” vai muito além de uma agência individual destas trabalhadoras. “Vestir-se melhor”, nos termos que aqui se apresenta, isto é, distante de

outros perfis de trabalhadoras sexuais tidas como “não universitárias”, também é um marcador de classe que muitas vezes as trabalhadoras sexuais não são capazes de materializar devido à sua condição socioeconômica. A própria ideia de “uma visão melhor”, que corresponde aos “assuntos interessantes”, indica a necessidade de um repertório que não se constrói sem um contexto mais amplo que o possibilite, isto é, depende de condições que vão além do desejo individual dessas mulheres. Nesse sentido, quando Beleli (2015) se refere a articulações de diferenças que desqualificam os sujeitos, entendemos que eles estão presentes na vida de muitas mulheres trabalhadoras sexuais que não terão os meios ou as condições favoráveis para se “anunciarem” como “universitárias”.

Esses marcadores da diferença que constituem a “universitária” são interpretados por nós, a partir de uma leitura de Néstor Perlongher (2008), como “tensões libidinais”. Conforme esse autor, compreendemos os “tensões libidinais” como variantes que se interseccionam e operam como estimuladores libidinais, isto é, como marcadores sociais da diferença que, em intersecção, atuam como produtores de libidos e desejos. A partir disso, nossa investida neste artigo é a de apresentar quais são essas variantes que estariam sendo performatizadas em prol de um desejo do outro, da libido de um outro (cliente), para que se atenda as multiplicidades de desejos possíveis no cenário da prostituição em Campo Grande. As variantes em intersecção que se destacam nos “anúncios” de trabalhadoras do sexo no contexto já citado, do Viva Local, são sobretudo demarcadas por uma performatividade geracional, como Liza nos apresentou: “menininha”, mas também as de classe (“patricinha”), cor/raça (“morena”) e escolaridade (“universitária”) são tensionadas. No entanto, a performatividade é organizada desta forma devido às expectativas que são imaginadas e esperadas de um outro (clientes) nesse contexto. Entendendo que os “tensões libidinais” podem ser recombinados, performatizados, de forma menos engessada, variando sua fluidez conforme contextos e negociações, logo enfatizamos que esses foram os marcadores

sociais da diferença destacados entre as “universitárias” que atuam na prostituição em Campo Grande, podendo ter outras variantes no contexto de outras cidades.

Entendemos que essa “manipulação estratégica da construção de si” enquanto “universitária”, considerando os marcadores sociais da diferença e os tensores libidinais, dá-se por meio da agência. A agência é a capacidade do sujeito de pensar seus próprios contextos e possibilidades de ser/estar no mundo através de práticas reflexivas, ou seja, é a viabilidade de ação. É a agência que lhe retira de um local de subordinação inerente, ainda que o contexto lhe conduza para uma subalternidade nas relações de poder com o outro, o sujeito encontra “brechas” para que possa resistir naquele espaço, no momento em que se percebe nesta relação. Podemos pensar nessa consciência reflexiva, como escrito por Neiva Furlin (2013), a partir do sujeito e da agência no pensamento de Butler. Essa seria uma capacidade dos sujeitos que é despertada via desejos que as(os) possibilitam pensar sobre si próprias(os). Neste contexto, o desejo é, em certa medida, o de ocupar locais de uma não aceitação das normas, nos quais a agência se realiza possibilitando uma ação de resistência. No caso das interlocutoras aqui em questão, estar na prostituição pode ser entendido como um modo de resistência diante de regras normativas, mas estar como “universitária” parece trazer possibilidades particulares, mais valorativas, de agenciamento. Assim, subvertê-las possibilita a reiteração de outros modos de vida. Quando percebemos a agência nessa “manipulação estratégica da construção de si”, conseguimos nos afastar de uma visão abolicionista¹¹ em relação à prostituição.

A agência e a crítica à ideia abolicionista não se constituem como novidade no campo dos estudos sobre a prostituição no Brasil. Por exemplo, as mulheres ligadas à Rede Brasileira de Prostitutas, constituída há mais de 30 anos na articulação dos direitos de

¹¹ É um movimento que não considera a prostituição como um trabalho e classifica as mulheres que estão atuando no mercado do sexo como vítimas de exploração sexual. O abolicionismo defende que a prostituição deve ser abolida e que as mulheres que estão atuando não sejam punidas, mas resgatadas. Esse posicionamento vem sendo fortemente defendido tanto por movimentos conservadores quanto por algumas correntes do feminismo, que compreende a regulamentação e descriminalização da prostituição como um estupro pago e legal.

trabalhadoras do sexo, criticam as políticas abolicionistas, que comumente negam a agência dessas trabalhadoras, bem como diversas(os) pesquisadoras(es) que abordam tal temática pelo viés político em prol da defesa dos direitos destas trabalhadoras. Também há o movimento Putafeminista, que tem construído um espaço político, público e feminista que apresenta questões reivindicativas das trabalhadoras do sexo, como abordado por Monique Prada (2018). O anunciar-se como “universitária”, portanto, faz parte da agência destas mulheres trabalhadoras. A seguir, trataremos dos detalhes desse processo.

ANUNCIANDO-SE COMO TRABALHADORAS DO SEXO “UNIVERSITÁRIAS”

Além do Viva Local e do *Hot MS*, também há a possibilidade de criar “anúncios” no *Photos Acompanhantes*, um site de divulgação de serviços de “acompanhantes” com as descrições escritas pelas próprias usuárias. O diferencial é que este último é próprio para a divulgação de serviços ligados à economia sexual. Ele possui alguns crivos prontos, como o “perfil”, pelos quais selecionamos as trabalhadoras do sexo conforme os seguintes marcadores sociais: “idade”, “cachê”, “orientação sexual”, “etnia”, entre outros. Há também uma ampla variedade de informações que podem ser selecionadas, como “BDSM¹²”, “lugar”, “serviços”, “massagens”; cada crivo possuindo outras filtragens – por exemplo, no filtro BDSM, ainda aparecem as opções de “adestramento animal”, “bondade”, “cera quente”, “chicotadas”, “cuspir”, “dominação”, “escravas”, “feminização”, “fetichismo”, “*fisting* anal¹³”, “humilhação”, “iniciação BDSM”, “pisotear”, “sado medical”, “submissão” e “tortura genital”. Uma diversidade de opções. Ademais, excetuando-se os filtros prontos, existe a possibilidade de realizarmos outras pesquisas; logo, buscamos por “universitárias”¹⁴.

¹² O *Bondage* e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo (BDSM) é um tipo de prática que visa a trazer prazer sexual mediante as trocas eróticas que envolvem relações de poder, envolvendo (ou não) dor e submissão, além de outros meios.

¹³ Prática sexual em que o braço e antebraço são inseridos na região anal.

¹⁴ Aqui é importante ressaltar que a busca foi realizada no dia 09 de agosto de 2017. Datamos, pois os “anúncios” dessas trabalhadoras do sexo podem ser retirados ou novos “anúncios” podem ser criados conforme o dia de acesso aos sites.

As descrições dos perfis neste site evidenciam um padrão de escrita, começando, usualmente, com um “bem-vindo” carinhoso e/ou afetivo: “Olá meus lindos”, “olá amores”, seguido de “sou a” e o nome – geralmente fictício – usado pela trabalhadora do sexo. Existem algumas palavras que se repetem nos perfis de “universitárias”; elas são escritas frequentemente no diminutivo: “*namoradinha*” é a principal delas. Palavras e expressões tais quais: “bumbum empinadinho”, “apertadinha”, “lisinha”, “estilo namoradinha”, “novinha”, “acompanhante de preferência para os mais exigentes”, “novinha e danada”, “doce e encantadora”, “discrição”, “boa conversa”, “papo agradável”, “carinhosa”, “educada”, “simpática”, “acompanhante de luxo¹⁵”, “super discreta” e “muito discreta” aparecem em um ou outro perfil. Os vocábulos ilustram um pouco da dinâmica do que agrada, por parte de quem oferece o programa, em *continuum* com o que possivelmente atrai. A presença de um programa que tenha “discrição” também é comum entre os “anúncios” e destaca um perfil de clientes – habitualmente, de homens casados que buscam e acessam essas mulheres.

Comumente, mas não exclusivamente, a “universitária”, no contexto da prostituição em Campo Grande, não costuma descrever práticas transgressoras de uma regra sexual convencional. O “estilo namoradinha” aponta isso quando, junto à descrição, também são anunciadas as modalidades: “universitária carinhosa” e “doce”. Apenas um anúncio de “universitária” tinha na descrição “sou carinhosa, mas dou uns tapinhas em quem gosta também”, ampliando as possibilidades de acesso para clientes que querem encontrar alguém que não seja exclusivamente “carinhosa”. Em apenas um “anúncio” apareça a expressão “sexo oral”, indicando que essa prática não é corriqueira nas divulgações dos “perfis” e, mesmo que possa ocorrer ao longo do programa contratado, não é divulgada com frequência nos “anúncios”.

O que os “anúncios” apontam é para uma performatividade de trabalhadora do sexo distanciada do “sexo sujo” (McCLINTOCK, 2003; RUBIN, 2012). Ainda que a prostituição

¹⁵ Como apresentado majoritariamente por elas nas suas *tags* e/ou na descrição em seus perfis, “de luxo”.

seja compreendida, de forma geral, como uma perversão, um “sexo sujo”, por transgredir a “economia libidinal da reprodução heterossexual” (MCCLINTOCK, 2003), há algumas práticas que minimizam essa percepção e agregam valores de limpeza e higienização, como a própria escolha da nomenclatura “acompanhante de luxo” ao invés de puta e/ou prostituta, que vêm socialmente agregadas por estigmas. Além disso, a frase “sou bem carinhosa e faço estilo namoradina [...] sou uma acompanhante super meiga, adoro dar e receber carinhos” pode ser considerada indicativa de como práticas e escolhas estéticas possibilitam minimizar a visão de “sujeira” da prostituição e qualificar “universitárias” enquanto mais higienizadas. A “namoradina” estaria resguardada do “sexo sujo” por fazer referência às experiências mais inteligíveis de relacionamentos fora do mercado do sexo. Dito isso, retomamos que, no geral, as descrições não anunciam práticas sexuais explícitas e transgressoras:

Olá amores lindos, meu nome é [...] tenho 20 aninhos e sou uma garota de programa loira bem gostosa, venha conferir meu atendimento e se deliciar por inteiro.

Faço estilo ninfetinha, sou iniciante e quero muito aprender com você! Sou uma acompanhante de luxo, simpática e adoro atender bem. Quanto mais me conhecer, mais vai me querer, serei sua ninfetinha safadinha.

Me liga! No telefone [...] e agende o nosso encontro com pelo menos uma hora de antecedência, atendimento em hotéis e motéis em Campo Grande, confira e se delicie comigo.

(“Anúncio” retirado do site *Photo Acompanhantes* no dia 09 de agosto de 2017)

Essa e outras descrições se juntam às próprias fotografias disponibilizadas por elas nos “anúncios”. Juntos, textos escritos e imagens fotográficas estão correlacionados à concepção do “comércio de fantasias”, o comércio erótico e a agência, que de certo

modo corrobora para uma ressignificação do imaginário socialmente construído da trabalhadora do sexo que vende o corpo como última escolha para sua sobrevivência. Kátia Guimarães e Edgar Merchán-Hamann (2005, p. 533) já observaram essas novas representações da profissão no seu grupo focal:

[...] a representação social de uma mulher que vende o corpo para a sua sobrevivência vem sendo, em certo sentido, deslocada e re-significada, por ela, para novas interpretações sobre o erotismo presente na prostituição. Nesse contexto, pode-se perceber que a ideia da realização de fantasias eróticas, bem como de diferentes jogos sexuais que não se restringem à prática sexual convencional, vem se revelando como a razão da busca de muitos dos clientes pelo comércio de fantasias.

Essa comercialização de fantasias e erotismo fica evidente nas fotografias que recebemos de imediato de algumas trabalhadoras do sexo, ao entrarmos em contato por meio do *WhatsApp Business*. Uma foto que nos chamou a atenção apresentava uma mulher jovem, branca, de cabelos longos, lisos e pretos, com as mamas à mostra, salto alto e meia arrastão, sentada numa escada, com um urso de pelúcia entre as pernas. O objeto é reconhecido socialmente como um artefato infantil e dialoga com o imaginário geracional da categoria de prostituição “universitária”, entendida, em campo, como a prática de mulheres de uma geração mais jovem.

Percebemos os usos desses artefatos como “próteses de gênero”, tal qual categoria de Paul Preciado (2014). Quando o urso de pelúcia é segurado pela profissional, a sua presença na imagem corrobora a identificação dela com uma idade baixa. Assim, ele compõe a performatividade de uma feminilidade infantil, mas erotizada na frase “te quero” no peito do urso, somado à meia-calça arrastão, outra prótese muito frequente no imaginário da prostituição de mulheres adultas, dando certa dubiedade provocativa no envolvimento destes tensores libidinais/marcadores sociais da diferença. Além disso, o marcador “classe” também aparece na imagem, pois a profissional está em uma

escada arquitetonicamente sofisticada, com uma iluminação que indica que a foto não foi feita de forma caseira.

Para além dos artefatos que compõem a imagem dessa categoria na prostituição e as expectativas das pessoas em relação à “universitária”, o corpo se apresenta como parte da composição imagética, e os valores/preços dos programas parecem refletir um anseio quanto à estética do corpo socialmente esperado. Dito de outro modo, como discutiremos a seguir, o corpo também é um lugar no qual se instauram relações de poder; ele suscita desejos relacionados a expectativas do que pode ser desejável, a partir de construções hegemônicas do que é um corpo erótico.

Nesse sentido, ocorre a cobrança por um corpo “ideal”, tido como magro, que se expande ao pensarmos em uma economia sexual, mesmo que os desejos apresentem multiplicidades. Isso fica evidente ao consultarmos o valor financeiro dos programas em relação aos corpos das “universitárias”. Ainda que a categoria “universitária” se apresente como um diferencial de “luxo”, quando a mulher possui o corpo gordo, perde um pouco de seu valor econômico no contexto da prostituição “universitária”. Mesmo sendo “universitária”, a mulher gorda cobra menos do que a que não se anuncia com esse marcador social de escolaridade, mas que tem o corpo magro e “malhado”.

Dos “anúncios” que pudemos observar, trouxemos o de Camila, 29, a única entre os perfis encontrados que se descreve como “econômica”. Além de “econômica”, ela se apresenta como “branca”, de “cabelos pretos”, com “curvas perigosas” e “gordinha”. O valor informado em seu perfil se configurava como o mais baixo entre os encontrados: R\$70,00. As demais mulheres “universitárias” (de “luxo”) cobravam em média R\$150,00. Destacamos o quanto o valor baixo do programa – neste caso, o marcador “classe” – associa-se ao “perigo” do corpo, das curvas, algo não observado nos “anúncios” de outros perfis. Também diferentemente dos perfis até então apresentados, pelos quais

as mulheres mostram todo o corpo, ainda que alguns com partes cobertas por alguma peça de roupa, Camila mostrou apenas o bumbum na foto. Uma reflexão possível é de como o corpo é manifestado nas plataformas on-line como um fator primordial para a definição do preço de uma trabalhadora do sexo, em que os valores mais econômicos são de perfis de mulheres com o corpo tido como “não ideal”, que não são: magros, “malhados” ou “*mignon*”¹⁶.

Assim, no contexto da referida cidade, o imaginário de “luxo” figura também estar ligado a outros fatores para além da exclusividade da “classe”. Neste caso é acionado o “luxo” à marca geracional, mas não apenas isto, inclui-se o corpo não gordo. Sendo assim, a “universitária” e a prostituição de luxo se retroalimentam nos significados. Em um outro contexto nacional, a diferenciação desses marcadores sociais indica o quanto eles correspondem a também um perfil bastante específico do mercado sexual, mas com caracterizações diferentes das que encontramos em Campo Grande. Referimo-nos ao contexto de Portugal, onde

As acompanhantes de luxo mulheres são profissionais do sexo que, de uma forma geral, apresentam as seguintes características: são de classe média e tiveram a oportunidade de estudar, dedicam cuidados especiais aos seus corpos; por vezes são ou foram universitárias, falam, na generalidade, dois idiomas e frequentam lugares de classe alta. Diferentes das prostitutas pobres, de baixo meretrício, estas mulheres não trabalham na rua e não se expõem. Trabalham, assim, em bares de acompanhantes de luxo frequentados por empresários, políticos, jogadores de futebol ou qualquer homem/mulher/casal com poder aquisitivo médio-alto (Pinto, 2008, p. 24).

¹⁶ O “*mignon*” é uma categoria frequentemente usada nas descrições das trabalhadoras do sexo “universitárias”, em consonância com a categoria de luxo, e faz referência a uma estética corporal. A mesma palavra também faz referência a um corte de carne nobre, o que reforça a demarcação de uma classe. Ademais, ao realizar uma busca na plataforma *Google*, digitando “mulheres *mignon*”, aparece nas plataformas on-line comparando este perfil de mulheres com o das “panicats e/ou mulherão” (nas quais os corpos são marcados por músculos, seios e bundas socialmente considerados grandes). O primeiro resultado da plataforma expressa que as “*mignon*” são “pequenas/baixinhas” e “engraçadinhas”; outro nos mostra que é uma “mulher pequena, de feições delicadas”. A palavra “*mignon*”, ainda conforme o resultado da busca, tem origem francesa, oriunda de um adjetivo que significa “bonitinho”. Em ambas as definições, no entanto, não se faz referência ao corpo que é gordo, o corpo “econômico”, mas aos corpos “ideias”.

No contexto brasileiro estudado por nós, além do fato de as mulheres não terem experiências no ensino superior, não encontramos experiências de trabalhadoras que se “anunciam” como quem fala dois idiomas, tampouco podemos afirmar que essas mulheres não trabalham nas ruas. Contudo, algumas dessas características apontadas nos estudos de Mariana Pinto (2008) fazem parte da performatividade dos “anúncios” nas plataformas on-line, nas descrições e fotos. A dimensão da valorização que se tem da universidade é destacada quando a prostituição de “universitárias” aciona automaticamente a categoria de “luxo”. Ou seja, a possível indicação, mesmo que não tenha acontecido conforme os clientes esperam, da frequência ou estada em uma instituição de ensino superior parece acionar um imaginário de status de “luxo”, característica aparentemente prestigiada, que faz com que o contexto acadêmico seja simultaneamente valorizado em articulação com a/na prostituição também nesse contexto brasileiro.

Pinto (2008), embasada em entrevistas efetuadas no contexto acadêmico da Universidade do Minho, acerca do olhar de universitárias(os) a respeito da prostituição de luxo, concluiu que, quando se trata de uma trabalhadora do sexo universitária, a prostituição ainda é vista como menos estigmatizante. Para ela, os sujeitos acreditam que a escolha de estar nessa profissão se deve a uma necessidade de levantar renda para custear a sua formação: “a sociedade raramente associa a prostituição universitária a motivações como a manutenção de um nível de vida elevado, mas sim a uma carência econômica” (Idem, p. 29). A necessidade parece representar uma categoria explicativa mais “palpável/aceitável” do que a estada na prostituição devido a gosto/desejo/prazer/curiosidade, como já apareceu na literatura (Silva, 2014), ou quaisquer outros motivos menos nobres do que os estudos; por isso, torna-se menos estigmatizante.

No entanto, Gabriela Natalia Silva (2014), conhecida como Lola Benvenuti, inicia o seu livro com a seguinte frase: “sou Lola Benvenuti e faço porque gosto” (SILVA, 2014, p.

11)¹⁷. A frase, assim como o desenvolvimento do livro, demonstra uma perspectiva da prostituição “universitária” não limitada somente a uma necessidade financeira; ao contrário, a uma necessidade de se satisfazer enquanto desejo, uma procura por “aventura” e satisfação pessoal. Por outro lado, não podemos excluir o fato de a carência econômica se apresentar como um fator de escolha, já que também nos foi relatado em campo o estar na prostituição por necessidade financeira. Escreveu-nos uma das interlocutoras:

não pretendo ficar nessa vida pra sempre não [referindo-se à prostituição], só vou ficar esse ano pra eu poder pagar minha faculdade e as despesas de casa [...] eu não entrei nessa vida por escolha própria; assim, entrei por escolha própria, é claro, mas pela necessidade, porque eu nunca tinha trabalhado e chegou num ponto que o armário da minha casa e a geladeira estava sem nada [...] (Transcrição do áudio de uma conversa do *WhatsApp Business*, no dia 06 de março de 2018).

O que não podemos é alinhar a necessidade financeira com a exploração sexual. Além disso, essa necessidade econômica não deveria ser identificada como a única e exclusiva justificativa para explicar o porquê de as práticas ligadas à economia sexual existirem na vida destas profissionais. No contexto capitalista do qual fazemos parte, somos todos dependentes economicamente e participamos de várias dinâmicas de troca de capital por força de trabalho. Logo, como bem colocam Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2009), há uma importante diferenciação entre exploração sexual e exploração no sentido capitalista, as quais, por diversas vezes, são

¹⁷ Lola iniciou o trabalho na prostituição quando cursava Letras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na cidade de São Carlos – SP. Segundo ela, ainda na adolescência, começou suas “aventuras” de “conquista” nas salas de bate-papo. Os compromissos com os estudos e o trabalho como professora, segundo ela, muito a ocupavam, por isso, aguardou a chegada do último ano da graduação, período no qual a maioria das disciplinas exigidas na grade curricular já estava cumprida, para “retomar com força total” as suas “aventuras sexuais” (SILVA, 2014).

concebidas enquanto um mesmo tipo de aproveitamento. De acordo com os autores, exploração sexual significa um “artefato legal plástico e extremamente mal definido na jurisprudência brasileira que é utilizado, quase exclusivamente, para reprimir a prostituição” (Idem, p. 214). Já a exploração capitalista busca corriqueiramente retirar mais (dinheiro) capital dos(as) trabalhadores(as) do que lhe é dado pela execução do trabalho, isto é, há uma desvalorização e logo precarização do trabalho.

Além disso, conforme Fernanda Burbulhan, Roberto Mendes Guimarães e Maria Alves de Toledo Bruns (2012, p. 673), há outras necessidades mais amplas, e não exclusivamente a financeira, que parte tanto das trabalhadoras do sexo quanto dos clientes. Existe uma

imensa gama de motivações que levam os clientes a buscar as profissionais do sexo. Tanto por parte delas quanto deles, percebe-se que ambos se utilizam do dinheiro para suprir suas necessidades – eles pagando e elas recebendo. Assim, nessa diáde, ambos estão à procura de suprir suas carências, sejam elas econômicas, emocionais, psicológicas ou ainda biológicas. Para o homem, o dinheiro paga, além da satisfação de determinadas carências, pela manutenção de uma sexualidade masculina herdada do modelo patriarcal de ser homem.

De todo modo, o que gostaríamos de apontar é que a necessidade, de um modo geral, mas principalmente a financeira, não pode estar atrelada à exploração sexual. O entendimento que precisamos ter a respeito da necessidade financeira é de que, em certa medida, grande parte dos trabalhos é realizada por intermédio dela. Por isso, ainda que a necessidade financeira seja o fator de escolha para estar na prostituição, em certa medida o desejo também o é, pois é pelo desejo de transformação da atual condição econômica, neste contexto, que se opera a ação, a agência de si. Dito de outra forma, podemos compreender que a agência de si neste caso se deu via uma consciência reflexiva (Furlin, 2013) movida pelo desejo de mudança de uma condição

econômica e que essa agência se operacionaliza quando as trabalhadoras do sexo “universitárias” se utilizam das plataformas on-line reconhecidas socialmente para ser valorizada na prostituição, quando elas estão negociando regimes de visibilidade e agência em meio às intersecções de marcadores sociais da diferença – geração, classe, cor/raça, escolaridade e gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos na pesquisa que quando as trabalhadoras do sexo se identificam enquanto estudantes “universitárias”, supostamente se estabelece uma visibilidade e/ou valorização do seu perfil no mercado do sexo; caso contrário, não haveria motivo que embasasse a escolha dessa característica identitária, por exemplo, em suas descrições nas plataformas on-line de “anúncios” de programas. Além disso, percebemos as plataformas on-line como um vasto campo de possibilidades para o exercício de uma economia sexual e para as performatividades. As trabalhadoras do sexo “universitárias” são frequentemente encontradas nas plataformas on-line *Viva Local*, *Hot MS* e *Photo Acompanhantes*. A etnografia de tela nos permitiu identificar e analisar a performatividade das interlocutoras por meio dos “anúncios”, pois neles elas repetem alguns atos a fim de atingirem o perfil da “universitária”. Características, qualificações e/ou marcadores sociais como o discurso verbal (“boa conversa”, “educada”, “simpática”, “carinhosa”, “doce”, “encantadora”); a estética (o corpo “mignon”, “malhada”, “gordinha”, “depilada”, “lisinha”, “bumbum empinadinho”); a geração (“aninhos”, “menininha”, “novinha”, “namoradinha”, “ninfetinha”, “iniciante”); a classe (“acompanhante de luxo”, “patricinha”, “de preferência para os mais exigentes”, “econômica”); a escolaridade (“estou em formação acadêmica, sou universitária”, “universitária”); a cor/raça (“morena”, “branquinha”, “loira”, “clara”, “mestiça”), quando intersecionados e incorporados, corroboram para que a mulher seja acessada enquanto a trabalhadora do sexo “universitária”.

Conforme discutimos, estar na prostituição, dado o contexto de necessidades, sejam econômicas ou outras, e mesmo por outros possíveis motivos, é por si só um ato de resistência. O campo aponta para viabilizarmos essa temática via outras perspectivas que não a de opressão, mas de, principalmente, agência de si. Dito de outra forma, a nossa contribuição é uma tentativa de desmistificação da prostituição como uma prática exclusivamente exploradora contra as mulheres; pelo contrário, ela é dotada de agenciamentos. Esta abordagem tem sido pouco comum quando o tema é a prostituição de mulheres na capital de Mato Grosso do Sul.

Não é recente que a prostituição de mulheres se apresente como uma problemática no campo acadêmico e mesmo para alguns movimentos feministas. A contar da perspectiva de dominação masculina e do “patriarcado”, alguns grupos colocam este tipo de atividade como mais uma forma de opressão das mulheres nas quais os homens estariam as submetendo a uma posição de submissão. Em muitos contextos, não negamos que exista violência relacionada ao mercado sexual envolvendo a prostituição de mulheres, mas não pretendemos – nem é justo e coerente – utilizar essa ideia como uma verdade fixa e absoluta para entender todos os aspectos deste trabalho. Afinal, não podemos compreender a prostituição como um trabalho que envolve as mesmas experiências para todas as mulheres.

Considerando isso, compreendemos as plataformas on-line como um meio para se observar como são negociados os agenciamentos no contexto da prostituição de mulheres. As trabalhadoras do sexo que utilizaram desse espaço para exercer a profissão, compreendendo a dinâmica das multiplicidades do desejo, utilizam-se da performatividade, da imaginação e do erotismo nas descrições e fotos nos seus perfis para serem acessadas por potenciais clientes. Concluímos indicando o quanto a prostituição “universitária” em contexto campo-grandense envolve marcadores sociais que nos apontam para intersecções importantes, agenciamentos e produção corporal

em relações de poder que estão presente em contextos culturais específicos que vão muito além do mercado sexual.

REFERÊNCIAS

Baym, Nancy K. (2010). *Personal connections in the digital age*. Cambridge: Polity Press
apud Beleli, Iara (2015). O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cadernos Pagu*, 44, 91-114.

Beleli, Iara (2015). O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cadernos Pagu*, 44, 91-114.

Butler, Judith (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Butler, Judith (2010). *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Blanchette, Thaddeus G. & Silva, Ana P. (2009). Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In Sonia Correa & Richard Parker (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos* (pp.192-233). New York: Sexual Policies Watch.

Burbulhan, Fernanda, Guimarães, Roberto M., Bruns, Maria A. T. (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 669-677.

D'andréa, Carlos (2020). *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA.

Furlin, Neiva (2013). Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Sociedade e Cultura*, 16(2), 395-403.

Guimarães, Katia & Merchán-Hamann, Edgar (2005) Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Revista Estudos Feministas*, 13(3), 525-544.

Hirano, Luis F. K., Machado, Bernardo F., & Acunã, Mauricio (2019). *Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: Imprensa Universitária.

Perlongher, Néstor (2008). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Pinto, Mariana V. (2018). *Prostituição de luxo: sentidos e representações atribuídos à prostituição de luxo em contexto universitário*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Prada, Monique (2018). *Putafeminista*. São Paulo: Veneta.

Preciado, Paul (2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1.

Leitão, Débora K. & Gomes, Laura G. (2018a). Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 171-186.

Leitão, Débora K.; Gomes, Laura G. (2018b). Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, 42(1), 41-65.

McClintock, Anne (2003). Couro imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu*, 20, 7-85.

Rial, Carmen (2004). *Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação*. Florianópolis: UFSC.

Rodrigues, Carla (2012). Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 10, 140-164.

Rubin, Gayle (2012) *Pensando sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade*. Florianópolis: Repositório UFSC.

Souza, Carla C. (2019). *“É só colocar no seu anúncio que você é universitária e pronto”:* *experiências da prostituição de mulheres em Campo Grande – MS*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil.

**TRABALHADORAS DO SEXO “UNIVERSITÁRIAS” EM CAMPO GRANDE (MS):
AMBIENTE ON-LINE, MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E
PERFORMATIVIDADE**

Resumo

Neste artigo propomos refletir sobre os marcadores sociais da diferença e a performatividade de trabalhadoras do sexo “universitárias” em “anúncios” das plataformas on-line na cidade de Campo Grande (MS). Com a “etnografia de tela” nas plataformas on-line Viva Local, *Hot MS* e *Photo Acompanhantes*, observamos que as mulheres que compõem o cenário econômico sexual se utilizam da descrição de “universitária” em “anúncios” para atingir visibilidade e/ou maior nível de valorização na prostituição. A performatividade de “universitária” foi observada por meio das intersecções de geração, classe, cor/raça, escolaridade e gênero. Enfatizamos a importância dessas reflexões a partir da agência na prostituição de mulheres. Nesse sentido, este artigo é uma investida em reconhecer a prostituição em Campo Grande por intermédio de perspectivas que nos afastam do movimento abolicionista.

Palavras-chave

Prostituição de mulheres. Universitária. Performatividade. Etnografia de tela.

**TRABAJADORAS SEXUALES "UNIVERSITARIAS" EN CAMPO GRANDE (MS):
ENTORNO ONLINE, MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA Y
PERFORMATIVIDAD**

Resumen

En este trabajo nos proponemos reflexionar sobre los marcadores sociales de la diferencia y performatividad de las trabajadoras sexuales "universitarias" en los "anuncios" de las plataformas online de la ciudad de Campo Grande (MS). Con la "etnografía de pantalla" en las plataformas online Viva Local, Hot MS y Photo Acompanhantes, observamos que las mujeres que conforman el escenario económico sexual utilizan la descripción de "universitaria" en los "anuncios" para conseguir visibilidad, y/o mayor nivel de valoración en la prostitución. La performatividad de la "universidad" se observó a través de las intersecciones de generación, clase, color/raza, escolaridad y género. Destacamos la importancia de estas reflexiones desde la agencia en la prostitución femenina. En este sentido, este artículo es una intención en el reconocer de la prostitución en Campo Grande a través de perspectivas que nos alejan del movimiento abolicionista.

Palabras clave

Prostitución femenina. Estudiante universitaria. Performatividad. Etnografía de pantalla.

"COLLEGE GIRL" SEX WORKERS IN CAMPO GRANDE (MS): ONLINE ENVIRONMENT, SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE AND PERFORMATIVITY

Abstract

In this study we propose a reflection on the social markers of difference and performativity of "college girl" sex workers in "ads" of online platforms in Campo Grande (MS). Using a "screen ethnography" in the online platforms Viva Local, Hot MS, and Photo Escorts, we observed that women who are part of the sexual economic scenario use the description of "college girl" in "ads" to achieve visibility, and/or higher level of appreciation in prostitution. The performativity of "college girl" was observed through the intersections of generation, class, color/race, schooling, and gender. We emphasize the importance of these reflections from the agency in women's prostitution. In this sense, this study an attempt in recognizing prostitution in Campo Grande through perspectives that move us away from the abolitionist movement.

Keywords

Women's prostitution. College girl. Performativity. Screen ethnography.

CONTRIBUIÇÃO

Carla Cristina de Souza

A autora declara que realizou a escrita, análise, revisão bibliográfica, realização do campo etnográfico online e revisão do trabalho.

Tiago Duque

O autor declara que realizou o artigo em questão em decorrência do curso de doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

AGRADECIMENTOS

À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pelo financiamento da pesquisa.

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Souza, Carla C. & Duque, Tiago (2021). Trabalhadoras do sexo “universitárias” em Campo Grande (MS): ambiente on-line, marcadores sociais da diferença e performatividade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(23), 900-928.